

Carolina Nabuco, a graça da tranquilidade até o fim

omp 2.2.3.529

Morreu na madrugada de terça-feira, de um ataque cardíaco, a escritora Carolina Nabuco, uma das primeiras brasileiras a dedicar-se à literatura. Carolina, que tinha 91 anos, era filha do ministro do Império e embaixador da República Velha Joaquim Nabuco.

“A graça da velhice deve ser tranquila”, dizia em “Oito Décadas”, livro de memórias lançado em 1973. E de fato, a longa velhice de Carolina Nabuco, encerrada na madrugada da última terça-feira, no velho casarão da família, no Rio, foi — como toda sua vida — cheia de paz. E criatividade: em 1977, já perto dos 90 anos de idade, ainda lançaria outra obra, com o desprezioso título de “Meu Livro de Cozinha”, reunindo velhas receitas da família. E muito mais que isso: também ali se encontravam as detalhadas descrições, sempre em seu tom poético, da vida e das personalidades do Rio de Janeiro do fim do século passado e das primeiras décadas do atual.

Nascida na Ilha do Paquetá a 9 de fevereiro de 1890, filha do ministro e embaixador Joaquim Nabuco, viveu até os nove anos no Rio — na mesma casa que fora de seu avô e onde seu pai escreveu duas de suas obras principais (“Minha Formação” e “Um Estadista do Império”), na rua Marquês de Olinda, 58, no Botafogo. Como Joaquim Nabuco fosse designado pelo governo brasileiro para resolver a questão fronteiriça do Brasil com a Guiana Inglesa, Carolina foi com a família para a Inglaterra. Posteriormente, mocinha, morou até a morte do pai, em 1910, em Washington, onde Nabuco foi o primeiro embaixador brasileiro.

O amor aos livros, no entanto, começou muito antes. “Eu aprendi a ler praticamente sozinha, aos quatro anos. E desde então passava o dia inteiro agarrada num livro”, ela recordaria, numa entrevista recente. Profundamente marcada pela figura paterna — nunca quis se casar — passou cerca de dez anos absorvida na elaboração de uma biografia de seu pai. O esforço, que chegou a lhe causar problemas de saúde que custaram a ser resolvidos, foi recompensado pelo entusiasmo da crítica e dos leitores, chegando a receber convite para entrar na Academia Brasileira de Letras — muito antes do tabu contra mulheres na Academia ser quebrado pela eleição de Rachel de Queirós, nos anos 70.

Amiga do poeta francês Paul Claudel, ao tempo em que este serviu no Brasil como embaixador, Carolina Nabuco teve seu talento literário confirmado com o lançamento dos romances “A Sucessora” (novela de sucesso na TV, muitas dé-



A escritora morreu na casa de sua infância.

cadadas depois) e “Chama e Cinzas”, prêmio da Academia de 1947. Através de “A Sucessora”, com seis edições no Brasil e uma em Portugal, a escritora carioca terminou participando de um potin literário internacional, quando confirmou-se que “Rebeca”, da autora inglesa Daphne du Maurier, plagiava a obra de Carolina Nabuco — que mandara “A Sucessora”, ainda em originais, para ser examinado por editoras dos Estados Unidos e Inglaterra.

Carolina Nabuco ainda escreveria um livro de contos, “O Ladrão de Guarda-Chuva” e mais duas biografias, além da de seu pai: sobre Virgílio Melo Franco e de Santa Catarina de Sena. Embora tivesse grande devoção por esta Santa — que, por petição sua ao papa Paulo 6.º foi declarada “Doutora da Igreja”, em 1970 — ela contou, em “Oito Décadas”: “Nunca fui mística. Não provei a contemplação.” Até o fim, ela morava na velha casa de sua infância no Botafogo, com os irmãos Mariana e Maurício (diplomata aposentado) — sobreviventes da família de cinco filhos do ministro Nabuco e de dona Eveline.